



MOMENTO

DIÁRIO DO POVO

**EDITORIAL: O CAPITALISMO E A
DESTRUIÇÃO AMBIENTAL**

PG.2

**DEPOIS DAS CHUVAS: OS DESAFIOS
DA LUTA DOS ATINGIDOS**

PG.4

ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE O FIM DA PANDEMIA

PG.6

**GEOGRAFIA DAS TRAGÉDIAS: PRÉDIOS PÚBLICOS
COM OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA**

PG.8

**ENTREVISTA DO MOMENTO: CUBA, FIRMEZA NA CONSTRUÇÃO
DO SOCIALISMO - PEDRO MONZÓN BARATA**

PG.11

**TABULEIRO DE SEDA: A IMBRICADA ROTA DA
GEOPOLÍTICA NA EURÁSIA**

PG. 14

**ESPAÇO CULTURAL - O ANTICAPITALISMO EM ROUND 6
E OS LIMITES DE UMA OBRA BURGUESA**

PG.17

MEMÓRIA - ELZA SOARES

PG.19

O capitalismo e a destruição ambiental



Foto: Ascom Polícia Federal

Por Milton Pinheiro

A história da humanidade é marcada pela lógica da integração dos seres humanos ao meio ambiente, sem entrarmos no mérito inicial desse processo. No entanto, muitos povos originários em nossos continentes encontraram formas e técnicas para a constituição de um importante convívio que integrasse a espécie humana e, ao mesmo tempo, pudesse preservar a natureza.

Muitos séculos se passaram e a razão integrativa entre a espécie humana e o meio ambiente foi paulatinamente suplantada, não pela ideia de progresso e desenvolvimento, mas pela razão destrutiva da natureza para atender aos interesses do capitalismo. A ordem do capital identificou o meio ambiente, e o rico processo de construção da sustentabilidade, como inimigos viscerais da lógica da acumulação.

Ao longo da expansão capitalista foram organizados projetos econômicos, quase sempre identificados na rubrica do progresso/desenvolvimento, cuja pauta real operava através da destruição do ecossistema. É importante registrar que mesmo agindo no campo da destruição, o sistema do capital produziu um imenso parque ideológico para afirmar que sempre

agiu na defesa da natureza.

Um gigante empreendimento cultural foi acionado para invisibilizar a verdadeira ação dos monopólios e seus consórcios pelo planeta, enquanto destruíam ecossistema. O enfrentamento a esse parque ideológico sempre foi muito difícil, afinal, os recursos do capital irrigavam a sociedade com as possibilidades do emprego/trabalho, com subsídios para ações de filantropia, com amplo financiamento artístico/cultural, com políticas de contrapartida em vários segmentos da vida social e até com os créditos de carbono.

Dessa forma, criou-se a política do fato consumado: para proteger a vida social da população é necessário entender que o meio ambiente deve ser abatido. Mas, o discurso oficial informa que o capitalismo irá se comprometer com os esforços para renovar as diversas fontes naturais.

É assim que, a partir dessa razão discursiva, a contradição capitalismo versus meio ambiente é dissimulada na ordem das necessidades humanas. Foi inventada uma falsa consigna de progresso humano e desenvolvimento social; mesmo assim,



sem nenhum constrangimento, a ordem dos interesses capitalistas tem deixado para trás uma trilha de barbárie sem fim. É esse passivo de destruição ambiental que entrou em cena já há algum tempo e tem cobrado a fatura pela lógica destrutiva do capitalismo.

Inversões climáticas têm se apresentado em várias regiões do planeta. Mudanças radicais nos níveis dos mares e oceanos, secas devastadoras em novas áreas do globo, degelo em expansão nos polos norte e sul, destruição de safras agrícolas, escassez de água em diversos rios e lagos e, por outro lado, cheias descomunais. A natureza tem reagido.

É nesse cenário de barbárie ambiental que o Brasil apresenta seu portfólio de destruição da natureza e desintegração do ecossistema. Historicamente os governos brasileiros têm contribuído com a sua cota de destruição e servilidade aos impactantes negócios do mercado.

O marco temporal dessa gigante política pública de destruição do ecossistema pode ser datado a partir do golpe burgo-militar de 1964. Os governos da ditadura aprofundaram o processo de desconfiguração do meio ambiente no Brasil. Invadiram terras de preservação indígena para apoiar projetos do capitalismo internacional, modificaram o perfil do meio ambiente no cerrado e na Amazônia, tornaram diversas regiões pobres da presença quilombola e das populações ribeirinhas.

Projetos de “integração nacional” sem nenhum estudo de impacto ambiental foram desenvolvidos de forma autoritária, a exemplo da rodovia Transamazônica, projeto Jari, as usinas nucleares de Angra dos Reis, garimpo em Serra Pelada, as hidrelétricas e os projetos de extração de minérios em volume gigantesco. Toda essa

lógica provinciana de Brasil-potência impactou severamente o ecossistema nacional.

Posteriormente ao período ditatorial (1964/1985), tivemos ações de governos que continuaram servindo ao consórcio capitalista. O mercado continuava atuando com a noção de super exploração da natureza para elevar suas taxas de lucratividade, sem ter qualquer preocupação realmente concreta com a preservação.

Hoje, o país passa por diversas catástrofes cuja responsabilidade pode ser localizada no projeto burguês de saque do país, como também na ausência do poder público para proteger o ecossistema social. Outro importante fator que compõe esse quadro constitui os usos e abusos da mineração que têm causado desastres criminosos por todo o país, embora notadamente em Minas Gerais seja mais visível. Afinal, o papel deletério da Vale é de conhecimento público, mesmo que nenhuma punição seja a eles imputada pela justiça burguesa.

O Brasil da liberdade de saque sobre a natureza, o Brasil da falta de saneamento básico para o conjunto da população mais pobre, o Brasil da incapacidade de lidar com as chuvas urbanas, o Brasil que a tudo quer privatizar para vender serviços públicos, o Brasil da ausência de fiscalização e até da proteção ao crime ambiental é o responsável direto pelos diversos acontecimentos de rupturas socioambientais que tanto têm ceifado vidas humanas e destruído a natureza.

Fica a questão de fundo: o capitalismo é incompatível com a preservação sustentável do meio ambiente. Contudo, enquanto a ordem emancipatória não se apresenta, o poder público tem que agir para proteger a vida humana e a vida do ecossistema.



Jornalista responsável
Milton Pinheiro MTB 72.595/SP
Conselho de Redação
**Camila Oliver, Milton Pinheiro, Rômulo Caires,
João Abreu e Rafaela Fraga**
Editora
Camila Oliver
Diagramação e Capa
João Abreu



o m o m e n t o b a

Colaboradores desta edição
**João Pedro Aguiar, Giovanni Damico, Pedro Paulo
de Lavor, Lucas Franco, Célula de Comunicação e
Cultura Jacinta Passos, Sofia Manzano**
Revisão
**Camila Oliver, Gabriel Galego, Luiza Brandão,
Anna Luiza e Rafaela Fraga**
+55 (71) 99299-1368
contato@omomento.org
www.omomento.org

DEPOIS DAS CHUVAS: OS DESAFIOS DA LUTA DOS ATINGIDOS



Foto: Reprodução / Facebook PCB Bahia

Por João Pedro Aguiar

Após o período de fortes chuvas que atingiram o Sul da Bahia, surgiram diversas campanhas de solidariedade material para as pessoas atingidas pelas enchentes. Desde o princípio, o Partido Comunista Brasileiro e seus coletivos partidários entraram em ação unificada para garantir que materiais de higiene pessoal, cestas básicas e outros itens essenciais chegassem aos abrigos e às comunidades a partir da Campanha SOS Litoral Sul da Bahia, que mobilizou nacionalmente milhares de arrecadações e abrangeu um campo de mil pessoas até o momento.

Só a força do poder público não seria capaz de prestar o socorro imediato em tantas regiões e a centenas de milhares simultaneamente. Assim como durante toda a pandemia, a força da classe trabalhadora organizada foi a mais comprometida em materialmente garantir a subsistência do povo, que vive um período de aprofundada crise econômica, condicionando a ampliação generalizada da miséria e da carestia.

A solidariedade aprofunda os laços de classe, na medida em que os comunistas recorrem ao povo não somente para apoiar seu programa, mas para estar lado a lado de todas as circunstâncias que o interessam, para lutar ao seu

lado não importando em quais condições. Na dimensão prática do combate diário à fome, ao desemprego, às altas no preço dos alimentos, do preço do gás, se manifesta uma das múltiplas manifestações concretas da luta de classes.

A organização de comunidades exige conectar as consequências da política econômica da burguesia e as relações derivadas da propriedade privada dos meios de produção e do solo na vida dos trabalhadores, com essas facetas tão imediatas. Por exemplo, o planejamento urbano das cidades, que poderiam orientar uma política habitacional e urbana para precaver as consequências da ação intensa das chuvas, é operado pelos interesses dos trabalhadores que moram nas comunidades mais atingidas ou pela especulação imobiliária, que se agrupam nas frações políticas que dirigem as prefeituras?

Essa pergunta é muito fácil de ser respondida quando observamos que as comunidades pobres e os bairros de trabalhadores, em geral, são justamente a imensa maioria das vítimas das enchentes, sendo estas principalmente negras no Estado da Bahia.

A partir de questões concretas que atra-

vessam a sociabilidade nas comunidades, como a necessidade de uma escola, de um posto de saúde em pleno funcionamento, de calçamento, esgotamento, iluminação, praças e espaços públicos de lazer, creches e outros, é que podemos compreender como o capitalismo constitui relações exploratórias para com a classe trabalhadora em todas as suas dimensões, seja na empresa que o patrão explora sua força de trabalho, ou o porquê do botijão de gás custar 120 reais, ou a razão pela qual uma família não conseguirá comer carne durante a semana. Pois assim também podemos, em todas as dimensões, fomentar o avanço da classe trabalhadora organizada, com seu próprio horizonte de poder, sendo necessário que os comunistas se apresentem nessas diversas esferas da luta e sejam um fator de impulsão dessas lutas.

Dessa forma, combinamos a solidariedade material com o fomento da organização, e constituímos uma Brigada do Poder Popular que vem atuando em Ilhéus para fazer a prospecção das famílias e lutar para a plena restituição material e imaterial de suas perdas. É imprescindível que o poder público assuma não somente com promessas, mas com programas efetivados para reconstruir as casas, recompor móveis, eletrodomésticos, instrumentos de trabalho e garantir renda mínima de um salário para cada membro do núcleo familiar em com-

patibilidade com outras medidas, como políticas imediatas. Assim como é indispensável a organização unificada das comunidades através de um fórum das e dos atingidos pelas enchentes, com um programa de reivindicações construídas pela base e que seja capaz de unificar o conteúdo das lutas e sintetizar em ação, seja a nível dos distritos, cidades ou a nível regional.

Se o ano eleitoral faz as facções políticas que disputam a gestão da máquina pública apelarem a tantas promessas, precisamos isolar a ilusão tecnicista de que somente nos basta aguardar as ações da institucionalidade, elevando o protagonismo da ação política como terreno mais propício para condicionar a conquista de direitos e consolidar um avanço tático, com amadurecimento da frente de luta das comunidades.

E que não fiquemos reféns de só mover nossas ações nas tragédias, mas para que elas não mais existam. Para que o campo, a cidade, as matas e os rios não sejam modificados pela natureza predatória do capitalismo. Mas por uma sociedade orientada em “princípios, onde a organização da vida humana, do espaço social, possa estar em harmonia com o espaço natural.”

[1]<https://pcb.org.br/porta12/28277/crise-das-chuvas-no-sul-da-bahia/>



Foto: Reprodução / Facebook PCB Bahia

ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE O FIM DA PANDEMIA



Por Rômulo Caires

No dia 29 de janeiro, a Bahia registrava o maior número de casos ativos de covid-19 desde o início da pandemia. No dia anterior, o Laboratório Central de Saúde Pública da Bahia (Lacen-BA) detectou a variante Ômicron em 71% das amostras coletadas em janeiro. Assim, dois anos após o início da atual catástrofe sanitária vemos mais uma nova onda de casos pressionando sistemas de saúde pelo mundo, aumentando exponencialmente o número de infectados e de mortes. Diante de tal situação poderíamos questionar o porquê de algumas autoridades sanitárias já estarem conjecturando sobre o provável fim da pandemia. Seria mais uma amostra do chamado “negacionismo”, em que diversas forças conservadoras ignoram a existência real da pandemia? E se entre aqueles que especulam o fim da pandemia tivermos cientistas sérios e empenhados? Nesse sentido, nos propomos a investigar algumas hipóteses sobre o fim da pandemia, analisando a atualidade das medidas mais comumente utilizadas no seu combate, como o isolamento social e a vacinação.

A primeira medida efetiva de controle da disseminação do novo coronavírus ficou conhecida como “isolamento social”, que objetiva diminuir o contato de pessoas infectadas e pessoas previamente saudáveis a partir de medidas como a quarentena e a paralisação de atividades econômicas. Muitos países aliaram as ações de contenção com a testagem massiva dos pacientes suspeitos de covid-19. Como podemos com-

provar a partir do exemplo da China e de outras localidades que seguiram rigorosamente as medidas de isolamento social, este conjunto de ações se mostrou bastante efetivo no controle dos casos, porém trouxe ao mesmo tempo uma série de problemáticas de ordem econômica.

A pressão pelo retorno às atividades presenciais foi tônica constante durante o período, relegando um certo privilégio àqueles que conseguiram de fato seguir tais recomendações. Poucos foram os governos que bateram de frente com o imperativo de lucro do capital, e mesmo aqueles mais conscientes foram pressionados a flexibilizações que acabaram pondo em cheque a eficácia do isolamento. Diante do cansaço generalizado provocado pela duração prolongada da pandemia, diante do arrefecimento da batalha ideológica pelas medidas restritivas e com o surgimento das diversas vacinas contra o coronavírus tem sido cada vez menos provável que algum governo assuma todas as consequências políticas de um lockdown.

As teorias sobre a “imunidade de rebanho” vão sendo reatualizadas mesmo que a expansão da infecção esteja gerando cada vez mais novas cepas do vírus em circulação, colocando em risco inclusive os atuais esquemas de vacinação. Nesse sentido, parece-nos bastante temerária a ideia de que a nova onda causada pela variante ômicron seja um sinal de que o fim da pandemia está no horizonte. Argumenta-se



que a maior infectividade e a suposta menor letalidade da cepa levaria ao fim gradual da pandemia. Não deixa de chamar a atenção o quanto tal linha argumentativa pode se aproximar consciente ou inconscientemente da linha da “imunidade de rebanho” e ao ser posta em prática pode contribuir ainda mais com a flexibilização dos cuidados e ser combustível para incrementar essa “atmosfera de normalidade” que nos cerca.

A produção das primeiras vacinas surgiu como um grande fio de esperança para a superação da crise sanitária. Porém, logo de saída, ficou evidente que haveria limites sérios à generalização da vacina de forma global. Mesmo com menos de 15% da população mundial, alguns países compraram mais de 50% dos estoques de vacina. À medida que novas vacinas foram desenvolvidas, houve tentativas de quebra das patentes em prol da democratização do acesso, porém, as quebras não se efetivaram e a concentração continuou se ampliando. Enquanto alguns países já conseguiram vacinar mais de 80% da sua população com ao menos duas doses de vacina, existem países que não conseguiram chegar nem na marca dos 20%, como ocorre por exemplo com países de África.

Além disso, tem crescido com alguma força, principalmente em países europeus, uma série de concepções anti-vacina. Como diversos estudos já indicam, são justamente as pessoas que insistem em não se vacinar que têm chegado aos hospitais com as formas mais graves da covid-19, com alta taxa de letalidade. No Brasil, ainda há tentativas frequentes do governo Bolsonaro e seus aliados de boicotarem o processo de vacinação. Mais recentemente investiram contra o início da vacinação infantil, mesmo que a experiência de vários países tenha demonstrado segurança ou que a ANVISA tenha se apoiado em dados concretos para regulamentar o processo. Porém, se comparado com os países com maior presença de movimentos anti-vacina, a população brasileira tem sido majoritariamente a favor da vacinação. Certamente, a longa e bem-sucedida experiência do Plano Nacional de Imunização do SUS contribuiu com a adesão da população, como também foi muito importante toda a pressão popular para que se instalasse e se expandisse a vacinação contra a covid-19.

Mesmo já tendo atingido cerca de 70% da população completamente vacinada ainda há desigualdades regionais importantes a serem consideradas no Brasil. Nem todos os estados apresentam as mesmas taxas e enquanto várias cidades do Sudeste apresentam altos níveis de

vacinação, há cidades do Norte e Nordeste nas quais somente 20% da população foi atingida. Também há diferenças expressivas entre localidades diferentes numa mesma cidade, nas quais as regiões mais periféricas apresentam menores taxas de vacinação. Estas discrepâncias podem ajudar a explicar o porquê de estarmos vivendo uma nova ascensão do número de casos e de óbitos mesmo com um índice geral satisfatório de pessoas vacinadas. O clima de normalização e flexibilização das medidas restritivas, a baixíssima taxa de realização de testes e a impossibilidade de localizar e interromper cadeias transmissivas podem sugerir uma cronificação da crise sanitária por longo período.

Voltemos às indagações iniciais. A partir da grande desigualdade de produção e distribuição de vacinas pelo mundo, do clima geral de flexibilização das medidas de isolamento social, da presença de movimentos anti-vacina e da possibilidade constante de novas mutações agravarem a situação, como é possível estabelecer um horizonte próximo de fim da pandemia? Não nos parece que a nova onda ocasionada pela variante ômicron dê margens para prognósticos tão esperançosos. As iniciativas de coordenação global das medidas de combate à covid-19 foram muito aquém do necessário e sequer conseguiram tocar na pauta fundamental da quebra das patentes. Mais ainda, a pandemia se tornou um ambiente muito favorável a maximização dos lucros das minorias que detém a maior parte das riquezas mundiais.

Dessa forma, dificilmente é possível separar a crise sanitária que vivemos da crise do próprio capital e seu sistema sociometabólico. Enquanto as forças políticas comprometidas com o futuro da emancipação humana não se envolverem em amplas mobilizações internacionais em prol do estabelecimento de uma autêntica coordenação global no combate à covid-19 teremos pouca margem para imaginar o fim da pandemia. A vacinação por si só não tem impedido que novas ondas ocorram, levantando a necessidade de estabelecer um complexo unitário no qual várias medidas de combate à pandemia são mobilizadas ao mesmo tempo. Nesse sentido, evitemos o otimismo pueril ou o catastrofismo imobilizador: há escolhas a serem feitas e há espaço para a construção de saídas palpáveis, mas esta construção passará pela edificação de um programa radical de transformação social. É desta perspectiva que poderemos enfim sonhar com outros carnavais.

GEOGRAFIA DAS TRAGÉDIAS: PRÉDIOS PÚBLICOS COM OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA



Por Pedro Paulo de Lavor

Chegou no meu whatsapp uma notícia publicada no site do G1 Bahia, com uma informação não tão chocante para mim, ao contrário do que seria para qualquer outra pessoa que não está diretamente inserida no serviço público brasileiro e, conjuntamente, que estuda a produção do espaço urbano. A notícia dizia que parte do piso de uma sala que fica no subsolo do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos (HUPES) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) teria desabado no dia 14 de janeiro de 2022. A sorte prevaleceu, e desta vez, ninguém ficou ferido. Não é de se assustar, para mim, porque essa é uma realidade com a qual convivo diariamente.

Ainda não esqueci o incêndio que atingiu a sede do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, na noite de 2 de setembro de 2018. Vi as imagens das labaredas e não suportei acreditar que em menos de 6 horas de fogo, o prédio de um dos museus mais importantes do mundo estava em cinzas e mais

de 90% dos itens museológicos e de duros anos de pesquisas estavam destruídos. O Museu Nacional apresentava deficiências na segurança contra incêndios, e em uma fiscalização feita em setembro de 2014, órgãos federais, como a Controladoria-Geral da União (CGU), constataram que a instituição não tinha laudo atualizado de vistoria do Corpo de Bombeiros. Dez anos atrás dessa fiscalização, em 2004, já havia ocorrido um alerta por parte do governo estadual do Rio de Janeiro de que o Museu Nacional corria risco de incêndio, associado à má qualidade das instalações elétricas do edifício. Se já não bastavam os problemas expostos publicamente, os repasses feitos do Governo Federal ao museu haviam caído pela metade na diferença entre os anos de 2013 e 2017, e até julho de 2018, o museu tinha recebido um pouco mais de 10% do repasse feito no ano anterior. Enfim, um laudo pericial feito pela Polícia Federal apontou um curto-circuito causado pelo superaquecimento de um aparelho de ar-condicionado como causa

do incêndio.

Naquele período pós-incêndio do Museu Nacional, toda vez que eu chegava para trabalhar, não saía do pensamento que toda aquela tragédia, que teria acontecido e destruído todo o prédio público, já tinha sido prevista anos atrás. Essa amarga lembrança era revivida a cada dia que entrava para trabalhar no Instituto de Ciências da Saúde (ICS) na UFBA, afinal, também estava entrando num prédio com fortes indícios para acontecer uma tragédia. O prédio do ICS foi inaugurado em fevereiro de 1968 para congregar departamentos, no uso para aulas teóricas e práticas de cursos das áreas biomédicas. Entretanto, a partir da década de 1990, e com mais força na década de 2000, foram inseridos vários laboratórios de pesquisa e programas de pós-graduação nas áreas de biotecnologia, imunologia, bioquímica etc. Com a inserção desses laboratórios, precisou-se introduzir no prédio vários cilindros de gás para suporte dos equipamentos de pesquisa. Cada laboratório começou a instalar seus cilindros de gás da forma como convinha, até o momento que em um dos laboratórios pegou fogo e ligou um alerta. Como manda a regra do jogo de segurança, nesse caso precisaria ser construída uma “casa de gás” fora do prédio. O projeto foi feito e até o momento não foi executado pela direção da unidade, nem pela administração central da universidade. No momento, os cilindros de gás foram colocados numa sala do térreo da instituição que simplesmente virou uma bomba-relógio escondida numa sala trancada com uma placa avisando que é proibida a entrada.

Mas se parasse por aí, poderíamos até pensar: é só uma bomba-relógio instalada na base de sustentação de um prédio de cinco andares de uma universidade pública brasileira. O que tem de demais nisso? Não teria algo a mais se tivesse que esconder que existe uma única saída de emergência, e que essa saída não fosse justamente no térreo do prédio (ou uma saída escondida na sala da direção da unidade, que a maioria das pessoas não tem conhecimento). Não há escadas externas para escape de incêndio, nem uma política de segurança para qualquer acidente que possa acontecer.

Como não bastasse piorar a situação, o piso do primeiro andar do lado direito do prédio, onde fica localizado o departamento e o

colegiado de Fonoaudiologia, está cedendo a cada ano. O piso fica assentado numa encosta que está criando um desnível na estrutura, que dá uma sensação de que o prédio está afundando em um dos seus lados. Mais uma vez, onde a situação está mais gritante, foi desativado o acesso e colocado uma placa informando que a entrada estaria proibida. Resolução zero.

Com esse cenário instalado, não deve ser estranho entender a razão da minha solicitação de remoção para outra unidade na UFBA, a Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Prof. Omar Catunda (BIBCIENTEC). E é nesse momento que me deparo com uma realidade nova, e que ainda não tinha tido acesso direto para conhecimento: a construção de prédios públicos com obsolescência programada. A BIBCIENTEC foi inaugurada no dia 02 de agosto de 2016, integrando-se às comemorações dos 70 anos da UFBA, localizada em frente ao Instituto de Física, no campus de Ondina, e abrigando os acervos de Matemática, Computação, Estatística, Física, Química, Geografia e Geociências. Entretanto, a obra foi entregue sem o término de conclusão. Propositadamente ou espontaneamente, isso acarretou em diversos problemas estruturais e que se agravaram ao longo dos cinco anos de funcionamento.

Um dos graves problemas que podem ser ressaltados é a entrega das lajes entre o 1º/2º andar, e, principalmente, entre o 2º/3º andar, sem o término da construção devida. Aparentemente, dois problemas específicos podem ser evidenciados: o primeiro deve-se ao fato de que não foi feita uma impermeabilização, deixando as lajes descobertas; o segundo problema específico visto é que não foi feita uma devida queda da água, para a saída encanada, formando bacias de água que ficam alojadas nos pisos. Como a água fica retida, e tal laje está aparentemente sem impermeabilização, ela começa a infiltrar pelo piso superior, atingindo o teto do cômodo logo abaixo. No local mais grave, foi colocada uma estrutura de telha para encobrir uma fenda que foi formada no concreto da laje devido a essa infiltração. Nessa fissura infiltra água do 3º para o 2º andar, e no mesmo local, infiltra para o 1º andar, conseqüentemente, até o térreo.

O problema tem sido tão grande, que parte dos acervos de livros e periódicos encontrados nos 1º e 2º andar foram destruídos, precisando

afastar as estantes dos livros e colocar uma lona de proteção no teto para não prejudicar ainda mais a situação. Quando há períodos com grande volume de chuva, os ambientes do Setor de Empréstimo e do Setor de Periódicos chegam a inundar. A BIBCIENEC foi construída numa base de encosta de morro, provavelmente sob um talude. Ocorre que na área de relevo acidentado, como se encontra atrás do prédio da BIBCIENEC, das quais foram retiradas a cobertura vegetal original que era responsável pela consistência do solo e que impedia, através das raízes, o escoamento abrupto das águas, encontra-se construída uma laje no teto e uma parede de concreto para proteção contra possível movimentação de massa sob a instalação daquilo que deveria ter sido um "Auditório" no 2º andar. Devido ao problema de escoamento de água vindo da encosta, a situação de inundação está em calamidade. A cada grande volume de chuva, a água não somente vem inundando a área do Auditório nunca construído, como também tem inundado consideravelmente parte do Setor de Empréstimo, no 2º andar, em um prédio de cinco pavimentos.

Destaca-se que não se tem, entre os funcionários da BIBCIENEC, conhecimento de um documento técnico oficial comprovando a segurança da manutenção da parede de contenção da massa de solo no 2º andar, considerando essa grande infiltração no respectivo ambiente. Além disso, o sistema de combate a incêndio da BIBCIENEC encontra-se inoperante desde a inauguração do prédio. As bombas, localizadas na base dos tanques de água do 4º andar, foram alocadas sem instalação elétrica, e, conseqüentemente, nunca estiveram em operação. Além disso, diversos abrigos de mangueira ao longo do prédio estão vazios. Vale salientar que no prédio da BIBCIENEC não há um Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCB), como também não há um Alvará de Funcionamento. Uma cereja do bolo aconteceu com um caso singular: uma janela localizada no 4º andar estava com a tranca quebrada, que depois de um tempo ocasionou a quebra do seu vidro de proteção; com a janela sem o vidro começou a entrar muita água devido às chuvas, que com o passar do tempo caía no poço dos elevadores; caindo água no poço e nos elevadores, enferrujou toda a estrutura dos elevadores provocando a sua deterioração total e necessidade de substitui-

ção de todo o sistema de elevadores da biblioteca.

E assim se constrói prédios públicos com sua obsolescência já programada. Geralmente, são construções em que sua execução de obras não foi finalizada, ou quando finalizada, a realização da obra é feita com materiais de baixa qualidade ou o serviço não é especializado e reputado. É como se previsse a necessidade periódica de tapa-buracos de uma via com asfalto de péssima qualidade e com o serviço não qualificado. Só que daí se instaura uma contradição complicada para lidar. Existe uma linha tênue na crítica que precisa ser feita na exposição do problema.

Na narrativa liberal, inclina-se na exposição que o problema paira na falta de gestão qualificada, e como o Estado usurpa o dinheiro público em corrupção e em vantagem própria -- tem dinheiro demais circulando. Já o discurso social-desenvolvimentista aproxima-se à defesa de que o problema será a falta de recurso financeiro para execução e manutenção capacitada, tendo um repasse de dinheiro menor do que o necessário. O pensamento dialético materialista tenderá à defesa de que a contradição é justamente haver a unidade dialética entre as defesas de posições anteriores, com toda a crítica necessária.

Um misto de falta de recursos para manutenção e caracterização das obras, com a falta de uma gestão qualificada, que destine esforços para revitalização e segurança dos prédios públicos com seriedade. Tomarmos ciência de que existe o planejamento de construção de prédios públicos com obsolescência programada já é um primeiro passo para entendermos como se dá a estratégia de uma geografia das tragédias.

ENTREVISTA DO MOMENTO: CUBA, FIRMEZA NA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO



Foto: Reprodução / O Poder Popular

Por Milton Pinheiro

Tradução: Sofia Manzano

Pedro Monzón Barata é embaixador do corpo diplomático cubano, e já exerceu funções relacionadas à carreira em vários países como Austrália, Japão e Malásia. Atualmente é Cônsul Geral de Cuba em São Paulo.

O Momento - O senhor é um embaixador com vasta experiência em outros países. Como tem sido o contato com os diversos movimentos populares e sociais no Brasil?

Pedro Monzón Barata - Meu contato com os movimentos populares brasileiros é bastante amplo, principalmente com os movimentos de solidariedade a Cuba e defesa contra o bloqueio. Estes movimentos estão em todos os estados brasileiros, e se denominam, de modo geral, enquanto Associação Cultural José Martí. Estas associações têm convenções estaduais bianuais e uma convenção nacional, das quais nós sempre participamos com grande prazer. Nossa presença nesses eventos permite desenvolvermos ainda mais as relações de amizade e colaboração. Além desse movimento nacional, mantemos relações com outros movimentos populares que se ocupam de diferentes temas e que, em suas agendas, sempre incluem a solidariedade a Cuba. Entre eles poderíamos mencionar muitos, mas destaco o

MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra), O MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), O MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), ABONG (Associação Brasileira de ONGs) e outros mais. Também temos fortes relações com meios e eventos virtuais alternativos, muitas vezes ligados aos movimentos sociais.

O Momento - Há no Brasil um enorme respeito ao Estado cubano e às conquistas da sua revolução. De que forma esse respeito contribui para o trabalho diplomático?

Pedro Monzón Barata - O respeito e, mais que isso, a admiração pela Revolução Cubana, tem sido fundamental para nosso trabalho diplomático. Por isso existe tanto apoio à revolução por parte dos movimentos populares organizados através das Associações José Martí e outros, como mencionado anteriormente.

Uma parte muito importante da nossa atividade, digamos a parte fundamental, é precisamente

desenvolver as relações entre os povos cubano e brasileiro. Para isso, o respeito e admiração por Cuba são essenciais, pois facilitam enormemente a comunicação. Pode-se dizer que a imagem que os brasileiros têm de Cuba influencia positivamente, beneficiando nossas relações diplomáticas também com diversos partidos políticos e até com funcionários de governos e das prefeituras.

No entanto, essas impressões favoráveis à Cuba não abarcam toda a população. Uma parte dela não está bem informada sobre Cuba, ou nada sabe sobre ela, e outra parte está desinformada ou mal informada, graças a uma chuva de notícias falsas acerca do nosso país. Por isso, nossa missão diplomática trabalha arduamente para divulgar a verdade sobre Cuba, utilizando, para este propósito, canais virtuais, principalmente.

O Momento - O que o senhor poderia nos informar sobre o atual estágio da Revolução Cubana: avanços, dificuldades e perspectivas?

Pedro Mozón Barata - Neste momento a revolução está enfrentando um duplo desafio: a ação pernicioso do recrudescimento do bloqueio econômico, comercial e financeiro contra Cuba, imposto pelos Estados Unidos, e os danos da pandemia. Os EUA, durante o governo Trump, aplicaram 243 medidas adicionais ao terrível bloqueio, e Biden manteve e ainda ampliou essas "sanções", apesar do rechaço internacional e de que, durante a campanha eleitoral, ele assegurou que seguiria a política de Obama.

Essa situação tão dura nos traz dificuldades em todos os terrenos: no desenvolvimento industrial, na agricultura, na produção científica e na alimentação da população. Tal conjuntura afeta, naturalmente o povo, e, por isso, tem sido instrumentalizada pelos Estados Unidos para tentar gerar, dentro de Cuba, conflitos que ponham fim à revolução e criar uma imagem virtual negativa do nosso país no exterior, que justifique o bloqueio e as agressões.

Eles têm fracassado nestas tentativas, que estão tomando a forma de fortes pressões para a aplicação do bloqueio, combinadas aos chamados golpes suaves, que se caracterizam pela proliferação contínua de mentiras, além da organização e financiamento de incidentes violentos dentro do país. A causa desses fracassos é a unidade manifestada pelo povo na defesa da revolução, apesar das grandes dificuldades econômicas que

enfrentamos.

Devo dizer que, apesar do bloqueio de mais de seis décadas, em Cuba tem ocorrido um progresso sustentado em diferentes terrenos, mais notadamente, na educação, na saúde e nas ciências. Isso explica a existência de medicamentos únicos produzidos por nossa indústria farmacêutica e o desenvolvimento atual de cinco vacinas cubanas contra a Covid-19, o que permitiu que mais de 90% da população já esteja vacinada com o esquema completo de três doses e que se aplique agora um reforço adicional.

O Momento - Quais são os elementos centrais das políticas públicas de saúde e educação em Cuba?

Pedro Mozón Barata - A Revolução Cubana como um todo é fenômeno das políticas públicas. Desde seu início, medidas radicais foram tomadas em todas as áreas. A reforma agrária, a reforma habitacional, a alfabetização, a política de emprego, a seguridade social, o fim de toda discriminação estrutural e legal, o controle de drogas, da prostituição em massa e dos jogos ilícitos de azar.

Muito especialmente, foi estabelecido um sistema educacional universal e gratuito, e um sistema de saúde também universal e gratuito. Ambas fortalezas da Revolução e que explicam o alto nível de Cuba nessas áreas, além do desenvolvimento de uma solidariedade internacional sem precedentes, que se baseia nesses recursos de alto valor humano.

O elemento central da política de Cuba, tanto na educação com na saúde, se apoia no predomínio do humanismo, e não no mercado, na economia em geral. A atenção ao ser humano predomina acima de todo o resto.

O Momento - Recentemente ocorreram alguns atos de protesto em Cuba. São movimentos espontâneos? Há infiltração estadunidense? O que representa esse movimento?

Pedro Mozón Barata - Esses incidentes foram instigados e financiados pelos Estados Unidos, não há a menor dúvida. Temos provas disto, que os meios tradicionais de comunicação não divulgam. Há documentação abundante na internet que explica em detalhes como se canalizam centenas de milhões de dólares até Cuba com o objetivo de desestabilizar o país, através das chamadas ONGs estadunidenses e internacionais

que financiam pequenos grupos e uma imprensa ilegal manipulada dentro de nossas fronteiras. A própria embaixada dos EUA em Cuba, viola as regras estabelecidas pela Convenção de Viena e trabalha para alimentar uma possível subversão dentro no nosso país.

A Revolução não gera, de forma espontânea, uma oposição ao sistema. Temos opiniões diversas sobre coisas que precisam mudar, pressionamos, mas o povo não rechaça o sistema: ao contrário, o povo o aprova e defende. Por isso, diante das tentativas de desestabilização, o povo saiu às ruas em apoio ao governo revolucionário.

É isso o que explica que a Constituição Cubana, que estabelece o socialismo como sistema e respalda o Partido Comunista de Cuba, vem sendo aprovada por mais de 86% da população do país. A Constituição estabelece e garante nosso estado de direito socialista, e o blinda.

O Momento - A pandemia mundial da Covid 19 devastou o mundo com alguns milhões de mortos. Como Cuba enfrentou o vírus?

Pedro Mozón Barata - Desde o início, Cuba tomou muitas medidas para evitar os danos da pandemia, apoiadas em nosso desenvolvimento abrangente sistema de saúde e no desenvolvimento biotecnológico e farmacêutico existente no país.

Evidentemente, todo esse processo se dá dentro de um contexto de um sistema socialista, em que todas as instituições, escolas, organizações de massas e políticas, e os meios de comunicação se uniram em função de objetivos únicos, muitas vezes em luta contra ciclones e furacões, outras vezes para confrontar ameaças à saúde da população, como é o caso da pandemia. O fundamento principal de todas as ações, do funcionamento do nosso sistema é a proteção e o desenvolvimento do ser humano, da população. Não damos prioridade à economia, ao mercado, muito menos diante de uma situação de emergência.

Simultaneamente, iniciamos a utilização de muitos medicamentos cubanos para evitar que os contaminados passassem às etapas críticas e graves da doença e, em consequência, à morte. Finalmente, desenvolvemos cinco vacinas, três delas utilizadas para vacinar quase a totalidade da população adulta e infantil. Agora começamos com o reforço.

Por isso, foi possível controlar a proliferação da pandemia durante muito tempo, até a chegada das cepas mais contagiosas, Delta e Omicron. Ainda assim, a população está vacinada. Diante de tais circunstâncias, o país pode abrir novamente ao turismo, muitas atividades nacionais já reiniciaram e as aulas presenciais nas escolas já voltaram.

O Momento - Cuba, esse bastião da democracia popular, mesmo com as dificuldades econômicas impostas pelo bloqueio dos EUA se mantém firme na defesa do socialismo?

Pedro Mozón Barata - Além das informações que já ofereci sobre esse tema nas respostas anteriores, devo agregar que não há a menor intenção de se afastar do socialismo, e nem foi aplicada nenhuma medida que indique uma mudança de rumo. É certo que estamos trabalhando para alcançar uma maior eficiência no nosso sistema econômico e para democratizar ainda mais o país. Isso tem provocado a retificação de deficiências anteriores na economia, e uma maior democratização do sistema. No entanto, foram mantidos criterios fundamentais em relação à política de justiça social da revolução, a educação e a saúde, assim como outros serviços que continuam sendo sempre direitos dos cidadãos.

Mesmo que as propriedades privadas e cooperativas tenham aumentado seu espaço, o papel do Estado na economia continuará sendo o pilar fundamental. Todos os mecanismos democráticos, como o que se aplica ao sistema de eleições seguem e seguirão vigentes. O Partido Comunista de Cuba, marxista, leninista e martiano, na sua condição de partido único da nação cubana mantém, como força e missão principal unir todos os patriotas e somá-los aos interesses supremos de construir o Socialismo, preservar as conquistas da revolução e continuar lutando pelos sonhos de justiça para Cuba e para toda a humanidade. Os princípios do centralismo democrático, a direção coletiva e a responsabilidade individual, como pilares da organização e da estrutura do Partido, continuam em plena vigência, e a partir deles que serão aperfeiçoados.

Por fim, Cuba continuará sendo internacionalista e solidária, o traço mais importante do nosso socialismo.

TABULEIRO DE SEDA: A IMBRICADA ROTA DA GEOPOLÍTICA NA EURÁSIA



Foto: REUTERS

Por *Giovani Damico*

O ano de 2022 nasce como o anno III da pandemia do Coronavírus, mas esta não vem sendo a maior marca de sua aurora. Em realidade, o imbricado tabuleiro geopolítico eurasiático é que vem marcando o início deste ano. De um lado, o Cazaquistão despontou em todas as grandes redes midiáticas mundo afora, de país pouco conhecido à manchete generalizada. Do outro lado, logo adiante, a Ucrânia voltou a estar no coração dos eventos políticos que vem mobilizando diversos esforços de entendimento de uma realidade quase inextricável. Por trás de todo o conflito, temos os desdobramentos da boa e velha geopolítica, em que interesses das potências capitalistas ocidentais se esbarram com os interesses das populações locais, ao passo que interesses da China e Rússia amalgamam-se em um curioso e complexo polo de antagonismo.

O povo cazaque recebeu no início do ano duras notícias acerca de uma elevação dos preços do gás natural (principal fonte de

energia para aquecimento e uso doméstico no país), tendo os valores dobrados, a despeito das vastas reservas de petróleo e gás presentes no país. A crescente presença do capital internacional na indústria mineral e de petróleo e gás no país, vem reforçando a commoditização das reservas naturais em detrimento de um uso social dos recursos. Tal cenário desaguou em uma ampla revolta popular, iniciada pelos trabalhadores do setor petrolífero, com uma jornada de greves, que em pouco tempo se espalhou para as principais cidades e regiões do Cazaquistão.

Na observação das análises mais frequentes, a confusão era generalizada: enquanto alguns afirmavam com plena convicção de que a revolta popular era um claro movimento de “revolução colorida” ou guerra híbrida, naquilo que se entende como uma intervenção de agentes estrangeiros criando caos social para desestabilização de determinado governo. Outros tantos grupos de análises apontavam para uma

suposta intervenção russa, com um caráter reacionário nas manifestações visando desestabilização do governo, que forçasse sua aproximação com a Rússia. O segundo cenário embora pareça a priori mais realista, exprime também uma falha gravíssima em confundir os interesses de atores internacionais com suas agendas geopolíticas, com os movimentos concretos oriundos da luta de classes no interior de cada território.

Se é verdade que a influência russa terminou por ser ainda mais solidificada, uma vez que o governo cazaque recorreu ao reacionário governo Putin, para apoiar seus interesses de dominação local, é também verdade que este foi um movimento conjunto de contenção das lutas legítimas que vem emergindo no interior de algumas das repúblicas ex-soviéticas, passadas décadas de destruição da seguridade social, degradação das condições de vida, e crescente austeridade imposta por governos autoritários defensores da ordem capitalista e oligárquica que emergiu com o colapso da antiga URSS.

A presença chinesa no Cazaquistão também foi colocada enquanto possível motivadora da revolta social, uma vez que interesses chineses estão em jogo no país, visto como fundamental para os projetos da Nova Rota da Seda (BRI na sigla em inglês). No entanto, o que se observou da parte da China foi a reprodução de um padrão já conhecido: apoio passivo da manutenção do governo vigente, sem uma abordagem intervencionista. Se por um lado a China aposta na estabilidade de seus parceiros comerciais, apoiando evidentemente em seus próprios interesses, por outro lado segue verdadeira a noção de que os chineses continuam a nutrir relações pragmáticas com diferentes países, incluídos estados socialistas alvo de hostilidades generalizadas do ocidente capitalista.

A realidade cazaque, cuja capital Nursultan - com nome recém-modificado em homenagem personalista do ditador do país - é assim bastante adversa. Um cenário

onde o acirramento das tensões sociais desembocou em movimentos sociais legítimos, que levantavam bandeiras como a estatização de empresas estratégicas, a legalização de partidos e movimentos comunistas e socialistas, o direito de greve e organização política, bem como outros direitos sociais. O cenário conflitivo se mostra cada vez mais presente em uma região cercada por interesses geopolíticos de atores antagônicos, ao mesmo tempo em que se deterioram as condições de vida das sociedades caóticas que emergiram do colapso soviético. A dificuldade de reativação das lutas sociais impostas nos países da região pode frear, mas sem jamais parar o avanço da organização de perspectivas contra-hegemônicas, que questionam a ordem capitalista falida, a grande causadora das agruras ora reinantes.

A Ucrânia por sua vez se vê cercada por um cenário de avanço militar da OTAN, que vem se sucedendo nas décadas posteriores ao fim da URSS. Do mesmo modo, a pequena Belarus se encontrou recentemente pressionada por manobras de desestabilização do governo Lukashenko promovidas pelo ocidente, ao passo em que manifestações legítimas de insatisfação também seguem emergindo de movimentos sociais locais. O cenário ucraniano se mostra mais grave uma vez que atingiu o status de guerra civil desde os acontecimentos na "Euro-maidan", num estopim de guerra civil iniciado em 2014 na capital Kiev. Uma vez pega no fogo cruzado entre os interesses russos, de manutenção de uma zona de influência própria, mas que por vezes chega a apoiar interesses imediatos de alguns povos oprimidos. Numa contraditória política externa que media entre aspirações imperialistas russas, e as defesas pontuais da soberania e autodeterminação dos povos. Da outra parte os interesses do bloco capitalista ocidental, expresso tanto na União Europeia, mas principalmente nas intervenções cada vez maiores advindas dos EUA.

A Alemanha em particular e a União Eu-

ropeia em geral têm assistido e endossado um processo de facistização de diversos de seus Estados, como no caso da Hungria, Países Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) e Polônia, num movimento duplo que envolve desde a conivência aberta com regimes de extrema direita, até o incentivo material com artigos militares associado a seu papel na mediação e integração destes estados na OTAN. Observa-se ainda um avanço da criminalização dos movimentos revolucionários, com diversas legislações anticomunistas sendo aprovadas. Dentro do próprio território alemão a perseguição a Comunistas vem sendo incrementada com criação ou implementação de leis da guerra fria que remontavam à Alemanha capitalista ocidental. Ao mesmo tempo, Berlim assiste passivamente a um crescimento de movimentos neonazistas e de extrema direita em seu território, como no caso do já institucionalizado AfD (Alternativ für Deutschland/ Alternativa para a Alemanha), Partido neonazista que vem compondo maiorias parlamentares com os partidos conservadores no governo. A participação da Alemanha vem sendo extremamente relevante para o avançar dos acirramentos, ainda que com uma retórica oficial “antiguerra”, a prática real se traduz em um papel determinante na deterioração das condições de vida nas antigas repúblicas soviéticas, bem como um papel de articuladora junto aos EUA, em episódios como o golpe de Estado na Ucrânia que derrubou Yanukovich em 2014, estabelecendo um governo satélite submisso ao imperialismo ocidental.

No mais recente desdobramento, o Governo americano de Joe Biden implementou uma tentativa de armar a ucrânia com bases estadunidenses munidas de armas atômicas. Não bastando o crescente intervencionismo que culminou no golpe de estado em 2014, seguido de um levante de inspiração nazifascista, a intervenção do imperialismo americano ameaça agora uma nova hecatombe nuclear. A Rússia de Putin por sua vez, estabeleceu uma dura manobra

que colocou os mais diversos analistas em estado de alerta, tendo estacionado mais de 130 mil tropas nas fronteiras com a Ucrânia, munidas dos armamentos de última geração, com clara capacidade de invasão relâmpago do território vizinho. O evento dramático aponta para um acirramento de tensões, com pressões dos EUA para impedimento da chegada dos projetos de gás russo (Nord Stream) na União Europeia, associados a ameaças de embargo econômico em larga escala contra a Rússia. No entanto, a ousada manobra russa parece, por ora, ter colocado em cheque as pretensões americanas na Ucrânia de Zelensky.

A disputa de geopolítica no “Tabuleiro de Seda” perpassa assim os mais diferentes interesses, desde os anseios legítimos de uma classe trabalhadora explorada e atemorizada após 30 anos de tragédias pós-soviéticas, passando pelas movimentações cada vez mais agressivas do imperialismo ocidental, que tem encontrado respostas cada vez mais duras por parte de uma Rússia, que busca mesclar seus interesses, aos interesses chineses, que apesar de uma abordagem radicalmente distinta, bem como um horizonte estratégico que se mostra até então pautado na premissa da auto-determinação dos povos, encontra por vezes convergências ante as ameaças, intimidações e agressões do ocidente capitalista. Numa mostra mais recente do esforço de ação conjunta, China, Rússia e Irã ingressaram em uma rodada de exercícios militares tri-partite no Golfo do Omã.

Compreender os rumos dos eventos aqui levantados perpassa necessariamente uma análise materialista que parta das contradições concretas, desde as locais até as internacionais. Escapar de avaliações fáceis e simplistas que localizam no primeiro momento bem e mal, mocinhos e bandidos, mostra-se uma tarefa árdua, porém, fundamental para um justo posicionamento ante a luta dos diversos povos oprimidos, e da luta de classes em geral.

ESPAÇO CULTURAL

O ANTICAPITALISMO EM ROUND 6 E OS LIMITES DE UMA OBRA BURGUESA



Foto: Divulgação/Netflix

Por Lucas Franco

Round 6 se tornou a primeira série produzida pela Netflix a bater a marca de 100 milhões de espectadores com apenas um mês de lançamento. A trama é protagonizada por Lee Jung-jae, que interpreta Seong Gi-Hun, um viciado em apostas que é ameaçado por agiotas, e conta com muitas cenas de violência e reviravoltas emocionantes. Como não ter empatia com os personagens que arriscam suas vidas em jogos que eles nem sabem quem são os organizadores?

Todos os participantes vivem em situação de extrema vulnerabilidade no sul da Coreia, mas de repente recebem a proposta de competir por um prêmio milionário que seria a solução para os seus problemas. A derrota na competição, que envolve brincadeiras infantis como estátua e cabo de guerra, significa a morte. Não abordarei mais a história em si, para não dar spoilers, mas sim o que enxergo como limites de Round 6 enquanto instrumento de conscientização coletiva.

A maioria das matérias em sites, revistas e jornais sobre a série destacavam a sua crítica ao capitalismo, como por exemplo a Jacobin Brasil ("Round 6 é uma alegoria do inferno capitalista") e a Lavrapalavra ("Round 6 – A distopia do capital e a saúde mental impossível"). A série e a classe trabalhadora pareciam estar conectadas, pois poucos dias após o

seu lançamento houve uma greve no sul da Coreia e alguns trabalhadores protestaram com fantasias alusivas à obra.

Porém duas coisas jamais devem ser esquecidas: que o imperialismo não tira férias e que nem toda postura aparentemente anticapitalista tem o compromisso com a transformação da realidade concreta, o que é contextualizado com excelência no artigo "Militância real e a performance 'revolucionária'", dos camaradas da UJC do núcleo Ruy Mauro Marini de Londrina.



Manifestantes do sul da Coreia usaram trajes alusivos à série em Seul, no dia 20 de outubro | CHRIS JUNG/NURPHOTO/GETTY

A Netflix é uma empresa que dificilmente dará

munição para um trabalho de construção do poder popular. A própria arte tem os seus limites na luta pela emancipação da classe trabalhadora. No campo da comunicação não é diferente: um jornal popular, como O Momento, tem o dever de levar um ponto de vista contra a ordem burguesa. É uma tarefa árdua, tendo em vista a falta de recursos do jornal e de tempo dos militantes.

Já a burguesia, por sua vez, emplaca com facilidade, através da Radio Free Asia, um veículo de baixa credibilidade financiado pelo governo dos Estados Unidos, a notícia de que um homem foi condenado à morte por distribuir Round 6 na Coreia Popular. A RFA, vale lembrar, costuma noticiar mortes falsas de pessoas na Coreia Popular e em seguida corrigir a informação, quando a "pessoa morta" faz aparição pública.

Ao mesmo tempo em que a excelente página do Instagram História Cabeluda, do camarada Gustavo Nassar Gaiofato, trouxe uma thread em que explica por que Round 6 é uma série sobre o capitalismo, marcas como a Heineken aproveitaram o sucesso da produção coreana para lançar em sua propaganda um anúncio que faz alusão a um dos seis jogos disputados pelos personagens. Infelizmente, a postagem de Gustavo foi menos vista do que o anúncio da marca de cerveja holandesa, que não demonstrou ter tanta preocupação em promover uma "série anticapitalista".

Termino este texto, camaradas, sem deixar



Imagem: Divulgação/Heineken

de sugerir Round 6, afinal de contas, é um trabalho muito bem feito, com uma história emocionante. No entanto, deixo as emoções com a própria trama, sem qualquer expectativa de que a produção possa colaborar para uma conscientização coletiva, se é que há entre nós muita gente com esta expectativa. Não por desacreditar no poder da arte, mas por entender que a burguesia não dorme no ponto e não cria munição para a luta e criação do poder popular. Quando muito, a burguesia transmite resignação diante da dura realidade que ela mesma sustenta. Quem cria o poder popular somos nós. Na arte, na comunicação e, principalmente, nas ruas!

Referências:

CLARK, Caitlyn. Round 6 é uma alegoria do inferno capitalista. *Jacobin Brasil*, 2021. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2021/10/round-6-e-uma-alegoria-do-inferno-capitalista/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

ESTEVAO, Carol; OLIVEIRA, João; QUINA, Guilherme. Militância real e a performance "revolucionária". *UJC*, 2021. Disponível em <<https://ujc.org.br/militancia-real-e-a-performance-revolucionaria/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

MELO, Cristino. Round 6 é a série de maior sucesso da história da Netflix. *Mundo Conectado*, 2021. Disponível em: <<https://mundoconectado.com.br/noticias/v/20998/round-6-e-a-serie-de-maior-sucesso-da-historia-da-netflix>>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

OLIVEIRA MARTINS, Karina. Round 6 – A distopia do capital e a saúde mental impossível. *Lavrapalavra*, 2021. Disponível em: <<https://lavrapalavra.com/2021/12/03/round-6-a-distopia-do-capital-e-a-saude-mental-impossivel/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

QUEIROGA, Louise. Manifestantes com roupas de 'Round 6' na Coreia do Sul expõem os 'problemas reais' do país, diz especialista. *O Globo*, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/manifestantes-com-roupas-de-round-6-na-coreia-do-sul-expoem-os-problemas-reais-do-pais-diz-especialista-1-25246665>>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

SANDER, Debora. Coreia do Norte condena homem à morte por distribuir série "Round 6" no país. *CNN Brasil*, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/coreia-do-norte-condena-homem-a-morte-por-distribuir-serie-round-6-no-pais/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

MEMÓRIA

ELZA SOARES



Marcello Casal jr/Agência Brasil

Por Célula de Comunicação e Cultura Jacinta Passos - PCB Bahia

No dia 20 de janeiro, aos 91 anos, a dona da voz do segundo milênio nos deixou. O título concedido pela BBC baseado no seu talento artístico, no entanto, diz pouco sobre a gigante que foi Elza Soares. Não é preciso reconhecimento de fora para entender a dimensão de uma mulher negra brasileira ganhando os palcos a partir de 1950, com toda sua desenvoltura e coragem, que fizeram florescer seu talento.

A maturidade e as experiências ao longo dos anos fizeram Elza tomar posicionamentos corajosos, ao abordar, por exemplo, a violência contra a mulher e a importância de abordar religiões de matriz africana nas escolas.

A vida nunca foi fácil para a carioca nascida em Vila Vintém. Fome, perdas de filhos e maridos e violência doméstica causaram alguns dos seus sofrimentos, que também são comuns para tantas pessoas não apenas no Brasil, mas também em países do capitalismo periférico e até do centro do capitalismo.

Mesmo com uma carreira magnífica e reconhecimento nacional e internacional, Elza jamais adotou o discurso da meritocracia. Elza sabia de onde vinha, não se deixou deslumbrar pela fama e sabia o peso de ser negra em um país racista. A expressão “a carne mais barata é a carne negra”, tão repetida a cada episódio de violência racial, vem de sua canção “A Carne”.

Voz do jingle da campanha de João Goulart à vice-presidência em 1960, Elza precisou se exilar, junto com seu então marido Garrincha, após ter a casa metralhada durante a ditadura empresarial-militar. Em tempos como os atuais, em que tantos artistas se calam diante da barbárie, ouvir “Exu no recreio/ Não é Xou da Xuxa/ Exu brasileiro/ Exu nas escolas” nos dá a sensação de que a perda de Elza é irreparável não só para a música, mas para a sociedade.

A canção “Exú nas Escolas” é do seu álbum “Deus é Mulher”, de 2018, ou seja, Elza não parou até a sua mor-

te: emprestou sua voz e seu prestígio para combater a intolerância religiosa em tempos de neopentecostalismo bolsonarista. Ela nunca se omitiu e ajudou a abrir caminho para outras manifestações. Embora não tenha citado a cantora como referência ou inspiração, Paulinho, jogador da Seleção Brasileira que reverenciou Exu ao fazer um gol na Olimpíada de Tóquio, colheu os frutos da reivindicação da cantora. Afinal de contas, a luta de classes não tem descanso e, enquanto existir opressão, a resposta precisa ser dada à altura para que mais e mais pessoas se rebelem e abram caminho para quem vem chegando.

Elza sempre estará presente a cada vez que sentirmos que sua música gera uma reflexão ou colabora para uma mudança de comportamento na sociedade. A delícia que é escutar a sua voz inconfundível, rouca, potente e suingada, com doses de improvisação, faz dela uma cantora completa. Samba e jazz, romance e conscientização coletiva, alegria e melancolia, Vila Vintém e mundo: “Sou eu, a mulher sou eu”. É, e para sempre será, Elza!

Referências:

Elza Soares: de infância difícil a sucesso absoluto nos palcos. *Campinas Café*, 2022. Disponível em: <<https://campinascafe.com.br/elza-soares-de-infancia-dificil-a-sucesso-absoluto-nos-palcos/>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.

Elza Soares teve casa metralhada durante a Ditadura Militar. *Aventuras na História*, 2022. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/elza-soares-teve-casa-metralhada-durante-ditadura-militar.phtml>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.

FUKS, Rebeca. *Biografia de Elza Soares. E Biografia*, 2022. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/elza_soares/#:~:text=Elza%20Soares%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20\(1930,nomes%20da%20m%C3%BAsica%20popular%20brasileira](https://www.ebiografia.com/elza_soares/#:~:text=Elza%20Soares%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20(1930,nomes%20da%20m%C3%BAsica%20popular%20brasileira)>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.

GABRIEL, Leone. “Exu nas escolas”: Ciep mostra como cumprir lei do ensino afro-brasileiro. *Projeto Colabora*, 2018. Disponível em <<https://projetocolabora.com.br/ods4/exu-nas-escolas-ciep-mostra-como-cumprir-lei-do-ensino-de-cultura-afro-brasileira/>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.

IBARRA, Pedro; SOUZA, Talita. *Gigante, Elza Soares enfrentou o racismo, a ditadura e o machismo. Correio Braziliense*, 2022. Disponível em: <<https://www.correio-braziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/01/4979095-gigante-elza-soares-enfrentou-o-racismo-a-ditadura-e-o-machismo.html>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.